

6ª Parte

O Livro da Academia

Descontos

Pedro Henrique Saraiva Leão

Por

sobre a fimbria do jornal aberto olhou-a detimoradamente.
Conheciam-sim ? Não ? Donde quando ? Desde hojontem ?

Pacientes deixaram de ser atendidos no Hospital Geral de Fortaleza
ontem por falta de medicamentos. A assessoria de imprensa do
hospital...

Desde ontã ? Teria ela amanhecido ou sido outra ? Estaria ele
duende ?! Não, não, não tinha febre. Ou seria uma fada que

O excesso de chuvas, proporcionado pelas chuvas deste mês, já
deixou cerca de 22.055 moradores prejudicados em 13 minicípios
incluindo a Capital. Ontem, Lavras da...

ele olhava agora naquela ágora, naquele banco bem em frente ?
Sereia ela mesmo ? Ou qualquer mulher a esmo, como tantas

!?

O besouro

*Em verdade, uma história não se deve ler,
deve-se escutar.*

*- Mário Matos. In Machado de Assis.
Obra completa. Ed. Nova Aguilar.
Rio de Janeiro, 1979.*

Zunia, zumzum,zzz, em torno da luz dourada, e dos zanzares de João.

Zoão ! zi ! zum !

Absorto João Sob a Luz.

Zum ! Zzz ! Zão !

E as cismas, e os ciúmes de Maria ? Ziii !

Um, um, zum, umz.

Até que. Zzz.

Foi o jeito.

Apagou a luz, mas não conseguiu dormir. Zunz ! zum,zum.

Solo de cello para Benjamin Britten (Lord Britten of Aldeburgh)
(1913-1976).

O oaristo de Ariosto

e Aurora, com muitas gotas de orvalho.
O rio e seus seixúmes parecia chamar-lhes.
Antes de amarem, desamar/raram a canoa,
ignoraram os remos, o rumo, e deixaram-se fluir.
Não sabiam praonde.
Levavam champagne e caviar: aristocrático Ariosto !
Gozavam aquele camassútrico enleio.
Aliás, não queriam chegar.

Vi Ocelo, de lon

ge, ontem, no teatro, qual um pássaro, colibri, talvez.
Com seu violoncelo entre as pernas.
Ele tocou a noitinteira, que nem abraçado com ela,
nua, nuinha, leve, e dele só, lo !

O relógio de Proust

Relógio canhoto ! Relógio anti-horário, aquele:
marcava sempre as horas do tempo passado e sido !
Desde anteontem até à hora do nascimento do vovô.
Como se mascasse lembranças.
Curioso é que parava quando chegava às horas da
minha infância perdida !

Quero não, mãe

Para Fernanda Teixeira Gurgel do Amaral

Mas meu filho, por que ?

Quero não mãe ! Aqui tem muito bicho, muito leão, ainda estamos na Selva, Mãe ! Muita morte e nenhum amor, muito mano mulçumano, muito bush por perto, muita promessa de essa.

E cobra, mãe, e cobra, e cobram, mãe, até o ar que eu resp iro !

Aqui tem muito riso de dentadura dourada, muita fátua consumada, muita terra sem chão da gente.

Quero não, mãe !

Muito peixe sem mar muito mar sem peixe.

Muito mártir sem lírio, muito martírio, mãe !

E muita pedra, e muita idade !

Quero não ! mãe !

Quero voltar pra dentro de você, 'viu ?

O sol

a raiar. Mas dentro dela tudo cor de chumbo.
Aquele cinza-Londres. Chovia sem trovões dentro dela,
esperando um relâmpago, um raio qualquer de luz que lhe
desanuviasse o pensamento. Também cinzenta a água da
chuva. Diferente das suas lágrimas, coletando-se em lago.
E aquele chumbo a pesar-lhe na consciência.
Tempo macondo.
Já não podia mais respirar. Lago profundo, aquele

Pietro e u Balde

Ele nunca conseguiu entender como cabia tanta buirrice na cabeça de sua empregada. Mas 'tadinha, ela não tinha culpa.

Quando nasceu, por engano, o parteiro, também por engano a deixara cair no balde, e entregara a placenta à mãe dela. Sua empregada era mais um erro médico. Taí !

Vertira

O relógio-vovô parara. Não o pêndulo da imaginação:
entre o passado e o futuro, sem parar no presente.

A João irritava-lhe a verdade; queria a mentira !

Em toda a sua vida acreditara na verdade, e tudo era
vera mentira.

Aquelas histórias de Adão e Eva, e de Abel e Caim
(melhor assim, em ordem alfabética) talvez sejam
verdadeiras, mas ele tinha certeza que a mentira
sobressaía, embora escondida atrás da macieira, pela
folha de parreira, ou sob testamentária e lombrosiana
ambição.

Comer manga de noite fazia mal !? João conhecia a
casa grande e a senzala, e assim acreditava ser
mentirosa aquela verdade.

Em toda verdade há uma mentira subjacente, e João é
brasileiro ! Era essa mentira que João queria saber !

Por que parara o relógio, se o tempo continuava, se
João 'indacordava todas as manhãs !?

Mary Bondo

**Não podia nem pensar. Se visse, então, queria logo
picar, até inchar e acabar a lua de mel.**

Como acabou.

Bem feito ! Nem queira se casar ! Num tava prenha !

Foi papai que obrigou ! Bem feito !

Dora:

**nascemos no mesmo dia em que anos depois nos
sepultam, lado a lado.**

**Doravante, o que não morremos em vida, viveremos,
juntos, eternamente.**

Sacumé,

né ? Nunca gostei tanto do cara. Posudo, bonitão,
muita brilhantina. Cheiro forte (até) demais.
No forró chegou perto de nós:
Dá licença, D. Vicença ?
Voltearam, colados, Parece que ela gostou.
Puxei o punhal, e misturei o sangue dos dois.
Sou cornonão !

Malvíssaras

Audotório lotado. Esperava-se, ansiosas mentes, a chegada do João, voltando do Infinito, trazendo sua grande nova ! O último dos evangelhos.

Infrene agitação. Quase não conseguiu chegar ao palco. Solene, aterrado, em meio ao sepulcral silêncio, João comunicou que nem lá as paralelas se encontram; seguem, lado aladas.

A escola

era aquela raiz quadrada, que nem trampolim, donde eu pulava e me afogava em (i)números. Os professores professavam teoria, sem terem aprendido que na prática a teoria é outra.

Não ensinaram a aprender. A escola não ensinou a viver, mas a morrer sabido.

Porisso ficou sendo uma palmatória nas minhas mãos e na minha memória.

?

E a vida, João ?! Eu estava tão ávida !

Desde a pia pia batismal

É. Obeso, hipertenso, quase cego, enfisematoso,
reumático, surdo. Restava-lhe a vontade, apenas.
Afinal, não era sem razão que se chamava
Arquimedes !

O te atrólogo, ou o dramaturgo pra hora do chá

A trama desnova-se na platéia, onde sentam-se os atores.

O público se acomoda no palco.

Vários são os dramas, e todos têm um a contar.

Uns falam baixo, em deferência ao distinto público, outros sussuram; alguns ciosos do cio, ciam no tapete de veludo. Alguéns urram, declinam Bilac, ou falam de Michelangelo.

E o público no palco presencia.

Era um vero calvário, cada um com a sua cruz, no mesmo rio dos gólgotas dontem doje e de sempre.

Feregrinos debulham o feijão nosso de cada dia, e as contas do rosário. Romeiros e rameiras mascam e orgasmam canindés, suas trilhas, suas sunas, suas sinas, e os calos nos pés.

E o público, no palco, a tudo assiste.

Atores na platéia discutem política: a social democracia ou a menarca da filha do monarca.

Alguns riem-se da própria morte; outros sonham com a sorte. Outros nada dizem.

E isto, até, o público, no palco, ouvia ou escutava.

Público inquisidor, feito padre em confissão.

João pega em Maria Maria pega em João, ambos nus, em campos de carvalho. Doutros olhos pinga orvalho ao fim do dia. É a espera, é sua lança, que nem esperança cravada no clarão da noite.

"Fortaleza, meu amor, você está grávida"! diz alguém, ecoando Antônio Girão Barroso.

E no palco, o público aplaude.

Maria tinha quebrado a perna; João, arando a terra, quebrado a promessa. Maria João quebrou o resguardo, ainda na camarinha, donde saiu prenhe de novo.

J'aime quebrou o pote, deixando a sede com fome, e a água respinga no público encadeirado no palco.

O Saci-Pererê sente cocceira noutra perna, Van Gogh torce a outorelha, e Camões, do palco, arregala ambos olhos.

E o padeiro assassinado em Caucaia, descobriu-se que era dúltero.

Muitos dramas sem camas, muitas camas sem dramas.

E o público, do palco, vendo tudo.

Após lendas e parlendas a cortina caiu no palco. O público voltou aos camarins, e os atores foram pra casa dormir.

O ruibarbo, ou as barbas de Ruy Barbosa

Ou as botas de Borba Gato, tanto faz, como tanto nunca fez. João sempre tivera uma paciência de Jó, mas essa, agora, era demais, ademais. Paciente sempre vivera. Sem construir castelos de areia, nem pegar carona nas nuvens. Com os pés no chão, sem Alá nem alaridos. Seguindo as regras de Maria, mesmo depois que estas lhe faltaram. Apostara na sena, jogara no bicho. Ouvia, calado, todos, os palavrões daquele inferno, e daqueles verões. Pra se vingar um dia ! de tarde, sem ninguém esperar...

Hera paciente, o João. Mas essa agora era demais ! Depois daquela paciência todinha ! Só pra tirar a morte grande na loteria da vida!!! E agora era empóssivel. Ele estava mor-tê-ó-tó. Não mais carne e osso. Sóssos, apenas. E mesmo se correse atrás do tempo, este não o reconheceria mais. E João ainda queria dizer-lhe tanto, coisas que escondera, verdades que mentira, tantas!...

João

aparentemente tinha uma só perna.

Campeava, mesmassim, montando numa cela sob
medida: um *somerset*.

Ao ver Maria a perna oculta lhe tirava
o eqüíbrio e o juízo.

Ofegante, o apeante João, vendo Maria
ficava pálido, não conseguia mais cabrestear
seu impávido colosso.

Depois, dito e feito, voltava-lhe
a consciência de Saci Pererê.

Labia

João há muito prelibava aquele instante:
Maria sorriu-lhe com seus seis lábios.
Água encheu-lhes a boca. Foram.
Até que ensim!

Família

antiga: desde o velho Polipo, pescoçudo, à
Modigliani, comprido, igualzinho à girafa, e com a
cabeça pequena, molenga.

Vivedor, Sr. Polipo.

Foi quando começaram a aparecer os sésseis.

Atarracados, sem gogó, parecendo castelos brancos.

Chamavam o velho vovô Pólipo!

Arredios, ensimesmados, sempre agarrados às
paredes da vovó, aos plissados maternos.

O lado Sésstil da família era atrabiliário, brigão.

Saiam de casa e se hospedavam em quaisquer
vizinhos, paredes-meias ou distantes.

Terroristas, não sabiam morrer sozinhos.

Mas morriam sempre antes do vovô Polipo.

Sem saber, assim vingavam-se da família.

●

A esfera caiu no chão: (tôc
do apartamento de cima

e deslizou _____ até a parede ●

João acordou: seria meu sonho essa esfera?
e o fim do meu pesadelo?? Seria meu mundo
contra a parede
ou Maria jogando sem saber? que matando o tempo
feria a eternidade?

Tôc) outra esfera caiu lá em cima

no tapete da consciência _____ .
João acordou novamente _____

_____ agora com o desperta

dor

Auschwitz!!!

- Estás gripado?
- Não, Eugênia, eu queria
que fôssemos só nós 3!

em

carne viva, ou desejo
ardia e noite. Sem.
Aquele som, âmbulo, a
(só) pesar sonhos,
plumas de chumbo, e
gotas de verão.
Aquelânsia do pântano
pelestrela

Pois é:

caminhando por todas as linhas
das tuas mãos, ainda não cheguei
aos teus vários lábios!

ventríloquo

ao cardiologista doía o coração,
bem no ventrículo Esquerdo.
De tanto só, frer, ser mão em alheio peito,
sem entender-lhe as fracas impulsões.
Sustos à toa, certezas sem fim,
conclusões sem começo.
Falava, sim, mas
ninguém sabia quem.

"Ladies and Gentlemen:
Cloud flight 2004 now boarding.
Last call.
If you do not embark now, the Cloud will take off.
Thank you."